

A acção de Álvaro Viana de Lemos e a *Escola Nova* em Portugal *

Manuel Henrique Figueira

Porquê uma homenagem a Álvaro Viana de Lemos em Coimbra e no Congresso do M.E.M.?

Como procurarei demonstrar, acho que faz duplamente sentido.

Lemos nasceu neste distrito em 1881, na vila da Lousã, e nesta cidade de Coimbra fez, entre 1896 e 1900, estudos secundários no então Liceu Central e estudos preparatórios para a Escola Naval e para a Escola do Exército, na Universidade.

Na «república» de estudantes onde residiu, deu pela primeira vez expressão pública dos seus dotes artísticos desenhando a figura do porteiro que decorava a entrada; mais tarde exploraria aqueles dotes no campo do ensino. Em Coimbra viveu quase ininterruptamente entre 1919 e 1972, ano em que desapareceu do convívio dos vivos, tendo desenvolvido nesta cidade a parte mais significativa da sua actividade profissional de educador. Teve uma passagem episódica pela Escola Nacional de Agricultura em 1916 e uma dedicação de década e meia entre 1919 e 1934 à «sua» Escola Normal Primária de Coimbra (a partir de 1930 com a designação de Escola do Magistério Primário). Entre 1929 e 1934 ainda desempenhou tarefas de investigação das aptidões profissionais dos alunos na Tutoria da Infância. Da Escola do

Magistério Primário e da Tutoria da Infância seria compulsiva e injustamente afastado em 1934 por motivos políticos, quando tinha apenas 53 anos de idade e muito ainda para dar à causa da educação que elegera como a causa profissional da sua vida, desde que em 1907 ajudou a fundar e foi secretário da Liga de Instrução de Viana do Castelo, numa breve passagem por aquela cidade como militar.

A Liga de Instrução era uma instituição cívica com finalidades de promoção cultural e educativa, com uma forte ligação às instituições escolares que apoiava promovendo festas, criando caixas escolares e cursos de alfabetização. A criação daquelas instituições era movida por sentimentos filantrópicos de certos grupos sociais que naquela época desencadearam a criação de várias instituições similares em diferentes localidades.

Logo em Viana do Castelo, como jovem alferes, Viana de Lemos demonstrou uma sensibilidade bastante diferente daquilo que é comum esperar e encontrar na instituição militar, pois ao contrário da prática da anedota brejeira ou do «passatempo inútil», realizou uma interessante recolha etnográfica de canções populares minhotas. Nas suas notas pessoais auto-biográficas, conta que naqueles anos de 1906/07, os militares faziam grandes caminhadas nocturnas para irem prestar serviço nas romarias, sob o pretexto de manterem a ordem pública. Como não havia transportes, saíam do quartel às duas horas da madrugada para chegarem ao destino às sete

* O texto foi estabelecido a partir da comunicação apresentada no 20º Congresso do M.E.M., Coimbra, 15 de Julho de 1998.

horas, caminhando toda a noite. Para ocuparem o tempo de marcha cantavam. Interessou-se assim pelas modinhas do folclore minhoto e retirava as suas notas como podia. Posteriormente, no quartel, chamava os soldados e reconstituía as letras. Desse trabalho de recolha resultou o seu primeiro livro *O Minho Alegre e Cantador*. No contacto pessoal com os soldados, apercebeu-se da chaga do analfabetismo e propôs-se dar-lhes lições das primeiras letras, o que constituiu a sua primeira experiência informal como professor.

Em Coimbra, desenvolveu múltiplas actividades de empenhamento cívico e cultural. Foi sócio fundador da Universidade Livre, com Aurélio Quintanilha, Almeida Costa, Manuel Reis e Tomás da Fonseca, entre outros.

As Universidades Livres, também designadas por Universidades Populares, eram instituições científico-culturais criadas por grupos de cidadãos, quase sempre republicanos ou maçons, com finalidades de promoção cultural, científica e educativa.

Álvaro Viana de Lemos foi secretário da referida Universidade Livre, também conhecida por Instituto de Educação Popular.

Foi dirigente da Cruz Vermelha da Juventude, fundador e comissário de zona do Grupo de Escuteiros, membro do Conselho de Arte e Arqueologia, colaborador da imprensa de educação e ensino sediada em Coimbra, de que destaquei o *Arquivo Pedagógico*, o *Boletim da Associação dos Professores de Portugal*, a *Escola Nova*, a *Escola Renovada*, *Os Novos* e a *Vértice*.

Teve uma formação académica orientada para uma carreira militar que iniciou em 1905, ano da sua promoção a alferes e que terminou voluntariamente em 1920 como capitão, ano em que deixou definitivamente o exército. A esta opção radical não foi alheia a contradição entre «ensinar homens a matar, ... a odiar o estrangeiro ou nacional que lhe mandassem odiar e ... ser profundamente pacifista e internacionalista e ter como suprema aspiração a paz e a harmonia entre os homens!». São reflexões suas escritas na cidade espanhola de

Tuy, onde se exilou, durante a guerra, nos anos de 1917 e 1918.

Como há pouco referi, foi em Viana do Castelo que tomou contacto com a problemática educativa, a partir das relações pessoais que estabeleceu com dois professores do ensino primário, Augusto Gonçalves Viana e José Alves de Sousa. Na Explicação Prévia do seu livro *A Modelação Escolar*, de 1928, diz do primeiro, «...fez-me ver o que podia haver de sublime dedicação na missão de educador...» e do segundo «... abriu-me o mundo dos trabalhos manuais educativos e do desenho, que hoje tanto me absorvem». Finalmente, sobre os dois, «Pelo exemplo e pela palavra souberam convencer-me tão profundamente, que vinte anos passados, a mais forte paixão que me domina é ainda a educação popular ...». Não mais haveria de deixar essa forte paixão e em 1908 saiu do exército com uma licença ilimitada para frequentar vários cursos e estágios de índole técnico-artística na Bélgica e na Alemanha, obtendo assim uma formação que o habilitaria para a futura profissão docente. A primeira experiência formal como professor aconteceu em 1909/10, no Colégio-Liceu Figueirense, na Figueira da Foz, uma escola particular organizada nos moldes das *Escolas Novas*, criadas no último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX por toda a Europa e Américas para dar corpo às práticas do que ficaria conhecido por Movimento da Educação Nova. Este Movimento teve os primeiros desenvolvimentos no último quartel do século XIX, propondo-se então criar uma alternativa à educação e à escola tradicionais.

A sua actuação torna-se mais clara à luz das seguintes novas realidades:

- O desenvolvimento científico e técnico da segunda metade do século XIX, fruto da expansão da Revolução Industrial, havia criado novas condições sociais que exigiam novas respostas da escola. Isto é,

se a sociedade era *nova* a escola também deveria ser *nova*.

- A Ciência da Educação que emergia no quadro da afirmação das ciências em geral, e das ciências sociais e humanas em particular, legitimava por parte dos profissionais da educação uma actuação es-cudada nesse novo dado científico.
- O novo espaço de actuação que se abria aos profissionais da educação com a criação da escola de massas (não massificação do ensino, essa surgirá um século depois), fruto do reforço da intervenção dos estados – nação no campo educativo como forma de se afirmarem eles próprios, através da criação de uma consciência nacional e da homogeneização cultural das populações.

Deste modo se assistiu ao nascimento de um sem número de *Escolas Novas*, quase sempre privadas. Referirei apenas algumas das que ficaram mais conhecidas: em Inglaterra, a New-School Abbotsholme fundada por Cecil Reddie em 1889 e a Bedales School fundada por J. H. Badley em 1892; em França, a École des Roches fundada por Edmond Demolins em 1899; na Alemanha, a Odenwaldschule fundada por Paul Geheeb em 1896 e a Ilsenburgschule fundada por Hermann Lietz em 1898; na Bélgica, a École de l'Ermitage fundada por Ovide Decroly em 1907 e a École de Bierges-lez-Wawre, em 1912, da qual o pedagogo português Faria de Vasconcelos foi director até ao eclodir da 1ª Guerra Mundial.

Portugal, ao contrário do que por vezes se tem afirmado não foi espectador passivo do movimento de criação de *Escolas Novas*, embora a nossa realidade sócio-económica e cultural tivesse condicionado bastante quer a criação quer o desenvolvimento das mesmas. Mas se é verdade que houve Educação Nova em Portugal, provavelmente não poderemos falar de um verdadeiro Movimento entre nós, entendido como uma organização com

pelo menos um grau mínimo de institucionalização.

Em 1882, ano do centenário do nascimento de Fröbel, foi criada por iniciativa camarária, sob proposta do vereador Teófilo Ferreira, a Escola Fröbeliana da Estrela. Tratou-se de um jardim de infância, uma construção de madeira, pintada de verde, completamente integrada na natureza, em pleno Jardim da Estrela, de que existe ainda hoje no topo norte a segunda construção pois a primeira foi destruída por um incêndio. No aspecto estrutural e de integração ambiental, correspondeu ao que se exigia de uma *Escola Nova*. Do ponto vista pedagógico propôs-se romper com a habitual forma de intervir com as crianças deste nível etário, que consistia numa prática asilar, pois a escola infantil era entendida até aí como um mero depósito de crianças. É um facto que a sua acção prática ficou muito aquém das boas intenções que presidiram à sua criação porque não pode haver jardins sem jardineiros. Estamos mais uma vez perante a incontornável e sempre actual questão da formação de professores. Mas o que interessa neste momento referir é que terá sido a primeira marca simbólica de um movimento renovador da educação e modernizador da escola, guiado claramente por ideias pertença do património da Educação Nova. No entanto, só no início do século as primeiras escolas concebidas à semelhança das suas congéneres europeias, das quais há pouco referi algumas, viram a luz do dia em Portugal:

- 1902 – O Colégio Liceu Figueirense, na Figueira da Foz;
- A Escola Prática Comercial Raúl Dória, no Porto.
- 1905 – O Colégio da Boavista, no Porto.
- 1907 – A Escola-Oficina Nº 1, em Lisboa.
- 1910 – O Colégio Moderno, em Coimbra;
- A Escola Comercial António da Costa, em Vila Nova de Oliveirinha;
- 1914 – O Jardim Colégio, em Lisboa;
- O Instituto Moderno, no Porto.
- 1919 – A Escola Nacional de Agricultura, em Coimbra.

- 1928 – O Bairro Escolar do Estoril, no Monte Estoril;
 – O Colégio Infante de Sagres, em Lisboa.

É evidente que entre estas escolas há diferenças de registo pedagógico. Do próprio Movimento da Educação Nova a nível internacional, dificilmente se poderá dizer que tivesse tido um modelo pedagógico propriamente dito. Após a fundação do Bureau International des Ecoles Nouvelles, em 1899, foi estabelecido um programa mínimo orientador das práticas das escolas novas, constituído pelos seguintes quatro princípios mínimos:

- a escola como internato familiar situado no campo;
- a experiência pessoal da criança como base da educação;
- o recurso aos trabalhos manuais educativos;
- a prática da autonomia dos educandos (o então chamado *selfgovernment*).

Posteriormente, esse programa mínimo foi alargado para o que ficaria conhecido por escala dos «trinta pontos», isto é, um programa máximo com uma dupla função: quadro de referência para as *Escolas Novas* e simultaneamente instrumento de medida da genuinidade dessas escolas. Deixaria aqui apenas alguns desses novos princípios, aqueles que me parecem mais sugestivos:

- a coeducação dos sexos para estimular as relações sociais e a cooperação entre rapazes e raparigas;
- os métodos activos como meio de estimular o gosto pelo trabalho e pela criatividade;
- o respeito pelos interesses espontâneos da criança;
- a conjugação dos momentos de trabalho individual e de trabalho colectivo;

Este conjunto alargado de princípios foi publicado pela primeira vez em 1915, no livro de

Faria de Vasconcelos *Une école nouvelle en Belgique*, pela pena de Adolphe Ferrière e foi aprovado com ligeiras alterações no primeiro congresso da Educação Nova de Calais, em 1921.

Como se pode ver, trata-se mais de ideais do que de princípios de acção.

Cada escola procurava cumpri-los, sendo considerada portanto uma *Escola Nova* se o conseguisse pelo menos a cinquenta por cento. Mais do que um modelo, o fio identitário do património pedagógico comum dos educadores que se reclamavam da Educação Nova era o grande desejo da construção de uma *Escola Nova*, que formasse um homem novo e regenerasse a sociedade. Essa escola «foi dita» através de um conjunto de ideias-slogan: *escola para a vida; escola única; escola do trabalho, escola activa, educação integral; educação segundo a ciência; educação do bom senso; coeducação; autonomia dos educandos; etc.* e operacionalizou-se com o recurso a várias tecnologias disponíveis na sociedade, umas antigas outras mais recentes, de que a escola se apropriou, tais como:

- o trabalho manual educativo, como forma de ultrapassar a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, realizando assim a educação integral do indivíduo;
- a imprensa escolar, como forma de os alunos produzirem os seus próprios textos, libertando-se dos condicionamentos do manual escolar, pobre, igual para todos, potenciador de um ensino uniforme, repetitivo e limitador da autonomia e da criatividade;
- a correspondência interescolar, como meio de contactar com o outro, o diferente, aprendendo a conviver e a respeitar as diferenças e como forma de partilhar em espaços colectivos mais alargados, quer as produções individuais quer as produções colectivas do pequeno grupo-classe;
- o cinema educativo, veículo de divulgação

de novas informações, meio lúdico e de evasão de cada um de si próprio e estimulador da criatividade. Tratou-se de uma grande invenção técnica do final do século XIX, que alterou radicalmente muitos hábitos sociais, que criou outros e que marcou os comportamentos de sociabilidade de todo o nosso século.

Em todos os exemplos que referi, tratava-se de tecnologias pré-existentes na sociedade. O homem, desde tempos imemoriais, praticava o trabalho manual; as trocas epistolares eram quase tão antigas como a escrita; desde meados do século XV, com Gutenberg, a imprensa havia passado a fazer parte do quotidiano dos meios de difusão do livro; por fim, o cinema estava disponível desde o início do século e revelava-se promissor.

Nada foi inventado propositadamente para uso da escola. O que a *Escola Nova* fez foi incorporar estas tecnologias, adaptar-lhe o uso e pô-las ao serviço da educação, interligando assim a vida intra-escolar com a vida extra-escolar. Muitas das inovações pedagógicas que enunciei não representam novidade hoje e parece-nos normal que tenham acontecido, são-nos de alguma maneira familiares. Mas é preciso compreendê-las no que têm de verdadeiramente inovador, nos sucessos e insucessos na sua realização à luz dos tempos em que aconteceram.

Apesar de ter iniciado a actividade docente numa *Escola Nova*, o papel de Álvaro Viana de Lemos, enquanto dinamizador e propagandista destas novas ideias, teve o seu período áureo durante toda a década de vinte e primeiros anos da década de trinta, até à consolidação do regime ditatorial com o plebiscito da constituição de 1933. É certo que entre 1907 e 1920 já tinha viajado muito pela Europa. Bélgica, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Alemanha foram alguns dos destinos, mas tratava-se de frequentar cursos e estágios, com vista à sua formação. Essas deslocações permitiram-lhe o contacto com as novas ideias e a esse conhecimento jun-

tou a primeira experiência no Colégio Liceu Figueirense que atrás referi. Outras três se lhe seguiram no mesmo período: no Instituto dos Pupilos do Exército de 1911 a 1914, na Escola Normal Primária de Lisboa em 1915 e na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra em 1916. Participou ainda nos congressos dos professores primários portugueses, de 1908, 1909, 1913 e 1914 e foi secretário da Liga Nacional de Instrução. O vaivém entre a actividade docente e a vida militar não lhe permitiu dedicar-se totalmente àquilo de que gostava realmente e mostrar o que poderia fazer pela Educação Nova.

Só a partir de 1920, quando se libertou definitivamente da condição militar assumiu plenas funções de professor. A sua acção como organizador de redes pedagógicas de intervenção entre educadores, quer a nível nacional quer a nível internacional, assim como a sua actividade de propagandista pela palavra e pela acção, ganharam uma dimensão ímpar entre os pedagogos portugueses. Seleccionaria cinco aspectos marcantes da actividade de Álvaro Viana de Lemos em prol da Educação Nova:

- o primeiro aspecto, a participação em encontros internacionais que lhe permitiram uma actualização pedagógica permanente e o estabelecimento de uma vasta rede de troca de informações entre educadores de vários continentes. Concretamente: o primeiro Congresso Internacional de Pedologia, realiza do em 1911 em Bruxelas; o segundo Congresso da Internacional dos Educadores realizado em 1924 em Bruxelas, no qual representou a Associação dos Professores de Portugal e onde propôs com êxito a alteração da designação daquele organismo para Internacional dos Trabalhadores do Ensino; o quarto Congresso da Liga Internacional Pró Educação Nova, realizado em 1927 em Locarno; a primeira Assembleia do Centro Internacional de Educação, realizada em 1927 em Genebra.
- o segundo aspecto, a sua acção em Portugal como promotor da comemoração do

Centenário da morte de Pestalozzi e da vinda ao nosso país de Adolphe Ferrière e de Agustín Nieto Caballero, respectivamente em 1927 e 1930. A comemoração do centenário de Pestalozzi foi um momento propício para difusão dos ideais da Educação Nova, um momento de remobilização de esforços e de animação cultural e pedagógica. Álvaro Viana de Lemos aproveitou a oportunidade para lançar com êxito a ideia da criação da *Liga dos antigos alunos da Escola Normal de Coimbra*, a qual promoveu essas comemorações. As vindas a Portugal, quer de Adolphe Ferrière, a figura internacional de referência da Educação Nova, quer de Nieto Caballero, uma das mais importantes deste movimento na América Latina, fundador de o Gimnásio Moderno em Bogotá, constituíram dois momentos de renovação da esperança nos ideais da Educação Nova, num momento em que por razões políticas eram claras as dificuldades dos seus promotores.

- o terceiro aspecto, a presença constante na imprensa pedagógica. As primeiras duas décadas do nosso século foram férteis em debates na numerosa imprensa de educação e de ensino. Álvaro Viana de Lemos, em artigos curtos de divulgação e de intervenção, deu a sua colaboração a pelo menos vinte e oito títulos, que seria fastidioso enumerar, dos quais vale a pena destacar a revista *Educação Social*, criada por Adolfo Lima, que entre 1924 e 1927 chegou a ser o órgão da Liga Internacional Pró-Educação Nova entre nós.
- o quarto aspecto, a vivificação permanente das redes pedagógicas de intervenção, nacionais e internacionais, não para grandes discussões teóricas, mas para a divulgação das ideias da Educação Nova e para a troca de informação e divulgação das técnicas inovadoras que servissem o dia-a-dia dos professores nos seus locais de trabalho.
- o quinto aspecto, a produção bibliográfica, não muito extensa, mas da qual foi ainda possível recensear vinte títulos, en-

tre livros e brochuras. Tal como nos artigos da imprensa, o sentido prático da escrita foi o princípio adoptado por Álvaro Viana de Lemos, porque só se avança e se atingem os objectivos a que nos propomos partilhando permanentemente com os outros o que fazemos.

Especificarei agora um pouco melhor o que foram estes organismos que acabei de referir:

- a Internacional dos Educadores era um organismo de cariz político-pedagógico, que agregava educadores de vários países organizados em associações congêneres filiadas;
- a Associação dos Professores de Portugal era a secção portuguesa da Internacional dos Educadores, fundada em 1923 por Canhão Júnior, Adolfo Lima, J. Almeida Costa, entre outros;
- a Liga Internacional Pró Educação Nova era o órgão máximo do Movimento Internacional da Educação Nova, fundada em 1921 no Congresso de Calais, por Adolphe Ferrière, Ovide Decroly, Elisabeth Rotten e Béatrice Ensor. Sucedeu ao Bureau International des Ecoles Nouvelles, que havia sido criado em 1899 em Genève por Adolphe Ferrière;
- o Centro Internacional de Educação ou Bureau International d'Education, foi criado no âmbito do Instituto de Ciências da Educação Jean-Jacques Rousseau, de Genève, em 1925, por Edouard Claparède e Pierre Bovet. Centro e Instituto, funcionaram como instituições pedagógicas de referência para o Movimento da Educação Nova a nível internacional;
- a Liga dos antigos alunos da Escola Normal de Coimbra era uma associação de

carácter pedagógico, que tinha por finalidade a formação contínua dos associados e o aperfeiçoamento dos métodos e processos de ensino. Foi fundada em 1927, no âmbito das comemorações do centenário da morte de Pestalozzi, e editou um Boletim com o mesmo nome.

Das redes pedagógicas de intervenção estabelecidas por Viana de Lemos, destacarei:

- a nível internacional os nomes dos suíços Adolphe Ferrière e Pierre Bovet, do francês Célestin Freinet, do espanhol Lorenzo Luzuriaga, do colombiano Nieto Caballero, dos mexicanos Alfredo Sanchez e Velasquez Andrade, da suíça Maria Boschetti-Alberti, do liberiano Payne;
- a nível nacional, Adolfo Lima, António Sérgio, Faria de Vasconcelos, César Porto, João de Deus Ramos, João Gomes de Oliveira, José Carlos de Sousa, Joaquim Tomás, Almeida Costa, apenas entre os mais conhecidos e ainda um sem número de professores espalhados por todo o país, do Minho ao Algarve, Açores e Angola, com uma cobertura geográfica uniforme constituindo uma verdadeira rede de comunicação.

Está-se perante um homem essencialmente de acção, que como professor praticou a reflexão crítica sobre a sua actividade, que procurou imbuir a intervenção educativa de responsabilidade social, que permanentemente esteve atento às novidades do seu ofício e em consonância desenvolveu uma intensa dinâmica de inovação pedagógica.

A importância da acção pedagógica, educativa e cívica justificativa de uma homenagem a Álvaro Viana de Lemos, ultrapassa circunstancialismos locais, como é evidente.

Porquê a homenagem neste Congresso? Penso que ele proporciona o melhor enquadramento que poderia ter uma homenagem a Álvaro Viana de Lemos, na medida em que a

coloca no seio de um encontro de professores de natureza formativa e Lemos sempre considerou que a formação era vital na actividade dos professores.

O único senão que se pode apontar é talvez o facto de surgir um pouco tardiamente, mas cabe ao Movimento da Escola Moderna o mérito de lembrar, para além do âmbito das homenagens bairristas, uma personagem cuja importância da acção educativa só tem pararelado com o esquecimento a que tem sido votada.

A importância da evocação de Álvaro Viana de Lemos mais do que privilegiar a vertente comemorativa, deverá servir para dar sentido ao património de cultura pedagógica que elegemos como nosso! Não há pedagogia sem memória histórica. Álvaro Viana de Lemos é uma referência indiscutível do passado e da história que o Movimento da Escola Moderna Portuguesa vem construindo há já trinta e três anos.

Referências bibliográficas:

Candeias, António (1992). *Educar de outra forma: a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, 1905-1930*. Porto: Tese de Doutoramento policopiada.

Fernandes, Rogério (1979). *A pedagogia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

Hameline, Daniel, dir. (1981). *Autour d'Adolphe Ferrière et de l'éducation nouvelle*. Genève: Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education.

Houssaye, Jean, dir. (1994). *Quinze pédagogues: Leur influence aujourd'hui*. Paris: Armand Colin/Unesco.

Médici, Ângela (1976). *A Educação Nova*. Porto: Rés-Editora L.da.

Mialaret, Gaston, dir. (1971). *Educação Nova e Mundo Moderno*. Lisboa: Editora Arcádia.

Nóvoa, António (1997). «Regards Nouveaux sur L'Education Nouvelle». In *Le Don de la Parole: Mélanges offerts à Daniel Hameline pour*

son soixante-cinquième anniversaire. Paris: Peter Lang.

Vasconcelos, António Faria de (1915). *Une école nouvelle en Belgique*. Neuchatel: Delachaux & Niestlé S. A..

Nóvoa, António (1987). *Le Temps des Professeurs*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 2 vols..

Bibliografia e Fontes:

Candeias, António; Nóvoa, António & Figueira, Manuel Henrique (1995). *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: Educa.

Distribuição das «Prensas Freinet» em Portugal (1929). Apontamentos manuscritos com a relação dos destinatários e localidades, guardados no Espólio Álvaro Viana de Lemos do Movimento da Escola Moderna.

Ferreira, Teófilo (1883). *Relatório do Pelouro da Instrução da Câmara Municipal de Lisboa relativo ao ano civil de 1882*. Lisboa: Tipografia Nova Minerva.

Ferrière, Adolphe (1955). *Les écoles nouvelles et leur rôle dans la transformation de la pédagogie contemporaine*. Bruxelles: Editions de l'Institut National de Cinématographie Scientifique.

Ferrière, Adolphe (1915). «Préface». In Vasconcelos, A. Faria de. *Une école nouvelle en Belgique*. Neuchatel: Delachaux & Niestlé S.A., pp. 7-20.

Ferrière, Adolphe (1928). *Trois Pionniers de l'Education Nouvelle*. Paris: Ernest Flammarion, Éditeur.

Gomes, Joaquim Ferreira (1979). «Uma proposta de lei para a criação de 'Escolas Novas' apresentada no parlamento da Iª república». *Biblos*, nº LV, pp. 515-528.

Lemos, Álvaro Viana de (1925). «A Educação Infantil em Portugal». *Educação Social*, nº 8, pp. 239-242.

Lemos, Álvaro Viana de (1928). *A Educação Nova no Congresso de Locarno e na reunião da ci-*

dade de Genebra do Centro Internacional de Educação. Lisboa: Seara Nova (Separata).

Lemos, Álvaro Viana de [1916?]. *Escola de Agricultura de Coimbra*. Apontamentos manuscritos com o historial da escola, guardados no Espólio Álvaro Viana de Lemos do Movimento da Escola Moderna.

Lemos, Álvaro Viana de (1929). *O espírito da Educação Nova. Nota breve sobre o moderno movimento renovador na educação*. Coimbra: Liga dos antigos alunos da Escola Normal de Coimbra.

Lemos, Álvaro Viana de (1930). *A Imprensa e a gravura na escola elementar (poderosos auxiliares do ensino)*. Coimbra: Tipografia Reis Gomes.

Lemos, Álvaro Viana de (1928a). «Introdução». In *As Crianças*. Coimbra: Liga dos antigos alunos da Escola Normal de Coimbra, pp. II-X.

Lemos, Álvaro Viana de (1928b). *L.A.A.E.N.C. Boletim-Carta Nº 1*. Coimbra: Tipografia Reis Gomes.

Lemos, Álvaro Viana de (1928c). *Linole-gravura (lino-cut)*. Coimbra: [Tipografia Reis Gomes].

Lemos, Álvaro Viana de (1926). *O Minho Alegre e Cantador*. Coimbra: Minerva Central.

Lemos, Álvaro Viana de (1928d). *A Modelação Escolar*. Coimbra: Edição do autor.

Lemos, Álvaro Viana de (1929a). «O moderno movimento internacional em volta do ensino e da educação». *Arquivo Pedagógico*, vol.III, nº 1, pp. 34-47.

Lemos, Álvaro Viana de [1917?]. *Notas autobiográficas*. Apontamentos manuscritos guardados no Espólio Álvaro Viana de Lemos do Movimento da Escola Moderna.

Lemos, Álvaro Viana de (1935). *Notas para o 'Curriculum vitae' de Álvaro Viana de Lemos*. Apontamentos dactilografados guardados no Espólio Álvaro Viana de Lemos do Movimento da Escola Moderna.

Lemos, Álvaro Viana de (1929b). *Princípios basilares da «Liga Internacional de Educação Nova» e seus fins (que servem de ligação espiritual entre todos os membros da «Liga»)*. Coimbra: Liga

dos antigos alunos da Escola Normal de Coimbra.

Liga dos antigos alunos da Escola Normal de Coimbra (1928). Coimbra: Tipografia Reis Gomes.

Nóvoa, António (1988). «Adolfo Lima (1874-1943)». *Correio Pedagógico*, nº 15, pp. 2-3.

Nóvoa, António (1988a) «Álvaro Viana de Lemos (1881-1972)». *Correio Pedagógico*, nº 23, pp. 5 e 7.

Nóvoa, António (1990). «Álvaro Viana de Lemos: Um pedagogo da 'Educação Nova'».

Arunce Revista de Divulgação Cultural, (Separata), nº 3/4, pp. 51-107.

«*Prensas Freinet*» (1929). Apontamentos manuscritos com o historial do seu aparecimento em Portugal, custos de reprodução e de distribuição, guardados no Espólio Álvaro Viana de Lemos do Movimento da Escola Moderna..

Vasconcelos, A. Faria de (1915). *Une école nouvelle en Belgique*. Neuchatel: Delachaux & Niestlé S.A..